

NICHOLAS SPARKS

.....

*Diário de uma
Paixão*

Tradução:

Renato Marques de Oliveira



As palavras de amor...

“Não sou nada especial; disso estou certo. Sou um homem comum, com pensamentos comuns e vivi uma vida comum. Não há monumentos dedicados a mim e o meu nome, em breve, será esquecido, mas amei outra pessoa com toda a minha alma e coração e, para mim, isso sempre bastou.”

Assim tem início uma das mais comoventes e intensas histórias de amor que você lerá na vida...



MILAGRES



Quem sou eu? E como será que acabará esta história?

O sol já raiou e estou sentado próximo a uma janela que se embaçou com o sopro de uma vida passada. Nesta manhã, estou um espetáculo digno de ser admirado: duas camisas, calças grossas, um cachecol enrolado duas vezes em torno do pescoço e enfiado dentro de um suéter grosso tricotado pela minha filha, 30 aniversários atrás. O termostato no meu quarto está no máximo, e bem atrás de mim há outro aquecedor, menor. Ele estala e geme e vomita ar quente feito um dragão de conto de fadas, mas mesmo assim meu corpo continua tremendo por causa de um frio que nunca vai embora, um frio que vem se produzindo há 80 anos. Oitenta anos, penso às vezes, e embora tenha aceitado a minha idade, ainda me surpreendo com o fato de que nunca mais consegui sentir-me aquecido desde que George Bush era presidente. E me pergunto se isso também ocorre com as pessoas que têm a minha idade.

A minha vida? Não é fácil de explicar. Nunca foi o deslumbrante mar de rosas que eu imaginava que seria, mas também não comi o pão que o diabo amassou. Creio que minha vida tenha acabado por se parecer mais com um título do Tesouro ou uma ação de primeira linha bem cotada na Bolsa de Valores: razoavelmente estável, com mais altas do que baixas, e tendendo a subir gradualmente com o tempo. Uma boa compra, uma compra sortuda, e aprendi que nem todo mundo pode dizer o mesmo sobre a própria vida. Mas não se iluda. Não sou nada especial; disso estou certo. Sou um homem comum, com pensamentos comuns e vivi uma vida comum. Não há monumentos dedicados a mim e o meu nome, em breve, será esquecido, mas amei uma pessoa com toda a minha alma e coração e, para mim, isso sempre bastou.

Os românticos chamariam isto de uma história de amor, os cínicos diriam que é uma tragédia. Na minha cabeça é um pouquinho de ambas, e no fim das contas qualquer que seja a maneira como você escolha encarar este relato, nada altera o fato de que ele abrange uma grande parte da minha vida e do caminho que escolhi trilhar. Não tenho nenhuma queixa a fazer quanto ao meu percurso e aos lugares aonde ele me levou; talvez sobre outras coisas eu tenha reclamações, suficientes para encher uma tenda de circo, mas o caminho que escolhi tem sido sempre o certo, e tampouco gostaria que tivesse sido de outro jeito.

O tempo, infelizmente, em nada facilita a tarefa de manter o curso. O caminho continua reto como sempre, mas agora está atravancado com as pedras e o cascalho que vão se acumulando ao longo de uma vida. Até três anos atrás isso teria sido fácil de ignorar, mas agora é impossível. Há uma doença invadindo e percorrendo meu corpo; já não sou forte nem saudável, e os meus dias se consomem feito uma velha bexiga de

feira: inertes, esponjosos, cada vez mais flácidos com o passar do tempo.

Eu tusso e, apertando um pouco os olhos, consulto meu relógio de pulso. Noto que já é hora de ir. Levanto-me da minha cadeira perto da janela e, arrastando os pés, atravesso o quarto, só parando para pegar sobre a escrivaninha o diário que já li centenas de vezes. Eu não olho sequer de relance para o caderno. Em vez disso, enfio-o debaixo do braço e sigo meu caminho na direção do lugar aonde tenho de ir.

Ando sobre um piso ladrilhado branco e salpicado de cinza, como os meus cabelos e os da maioria das pessoas daqui, embora nesta manhã eu seja o único no corredor. Os outros ainda estão nos seus respectivos quartos, sozinhos a não ser pela companhia da televisão, mas eles, assim como eu, já estão acostumados com isso. Com o tempo, uma pessoa pode se habituar a tudo.

A distância ouço sons abafados de choro e sei exatamente quem está fazendo esses sons. Então as enfermeiras me veem, trocamos sorrisos e cumprimentos. Elas são minhas amigas e muitas vezes conversamos, mas tenho certeza de que ficam conjecturando teorias sobre mim e as coisas que faço diariamente. Posso ouvir os cochichos quando passo por elas. “Lá vai ele de novo”, escuto, “Espero que corra tudo bem”. Mas elas nunca me dizem nada sobre isso diretamente. Tenho certeza de que pensam que eu ficaria chateado se me falassem disso logo de manhã tão cedo, e conhecendo-me como me conheço, acho que talvez estejam certas.

Um minuto depois, chego ao quarto. A porta já foi aberta para mim, como usualmente acontece. Dentro há duas outras enfermeiras, que também sorriem para mim quando entro. “Bom dia”, elas dizem

com voz animada, e aproveito para perguntar como vão as crianças, a escola e as férias que se aproximam. Conversamos e nossa voz se sobrepõe ao som do choro, durante um minuto ou um pouco mais. Elas parecem nem perceber a choradeira; ficaram insensíveis, mas, pensando bem, eu também fiquei.

Depois me sento na cadeira que agora acabou adquirindo a minha forma. Elas já estão quase terminando; ela já foi vestida, mas continua chorando. Depois que a duas forem embora, tudo vai ficar mais tranquilo, eu sei. A agitação da manhã sempre a incomoda, e hoje não é exceção. Por fim, as enfermeiras abrem a cortina e saem do quarto. Ambas me tocam e sorriem ao passar por mim. Eu me pergunto o que isso significa.

Eu me sento só por um segundo e a observo fixamente, mas ela não retribui o olhar. O que é compreensível, pois não sabe quem eu sou. Para ela sou um estranho, um desconhecido. Depois, virando o corpo, eu abaixo a cabeça e rezo em silêncio, pedindo as forças de que sei que irei precisar. Sempre acreditei com firmeza e convicção em Deus e no poder da oração, ainda que, para ser honesto, minha fé tenha suscitado uma lista de perguntas que, definitivamente, só quero que sejam respondidas depois que eu já tiver partido.

Agora estou pronto. Já coloquei os óculos, e tiro do bolso uma lupa. Coloco-a sobre a mesa por um instante, enquanto abro o diário. Preciso de duas lambidas no meu dedo áspero para fazer a capa, gasta pelo uso, se abrir na primeira página. Depois posiciono no lugar certo a lente de aumento.

Há sempre um momento, imediatamente antes de eu começar a ler a história, em que a minha mente se agita, e eu me pergunto. “Será que vai acontecer hoje?” Não sei, pois nunca dá para saber de antemão, e

no fundo isso nem é importante. É a possibilidade que me faz continuar, não a certeza, uma espécie de aposta da minha parte. E embora você possa me chamar de sonhador, de tolo ou de qualquer outra coisa, acredito que tudo é possível.

Sei que as probabilidades e a ciência estão contra mim. Mas a ciência não é a única e definitiva resposta; disso eu sei e aprendi ao longo da vida. E isso me faz acreditar que os milagres, por mais inexplicáveis ou inacreditáveis, são reais e podem acontecer sem levar em consideração a ordem natural das coisas. Então, mais uma vez, assim como faço todos os dias, começo a ler em voz alta o diário, para que ela possa ouvir, na esperança de que o milagre que acabou dominando a minha vida possa levar a melhor de novo.

E talvez, apenas talvez, isso aconteça.



FANTASMAS



Era o início de outubro de 1946; da varanda que circundava sua casa em estilo de fazenda sulista, Noah Calhoun contemplava o sol poente, que ia afundando cada vez mais até se perder de vista. Ele gostava de ficar sentado ali nos fins de tarde, especialmente depois de ter trabalhado com afinco o dia todo, e deixar os pensamentos vagarem sem direção consciente. Era assim que ele relaxava, um hábito que tinha aprendido com o pai.

Ele gostava particularmente de observar as árvores e seus reflexos no rio. As árvores da Carolina do Norte são bonitas quando o outono está no auge: tons de verde, amarelo, vermelho, alaranjado e todos os matizes intermediários. Com o sol, as cores deslumbrantes das árvores brilham intensamente, e pela centésima vez Noah Calhoun se perguntou se os proprietários originais da casa também passavam seus fins de tarde pensando nas mesmas coisas.

A casa fora construída em 1772, o que fazia dela uma das mais antigas, bem como uma das maiores residências de Nova Berna. Originalmente tinha sido a casa-grande de uma fazenda; ele a comprara logo depois do fim da guerra e passara os últimos 11 meses consertando tudo, tarefa que consumiu uma pequena fortuna. Semanas antes, o repórter do jornal de Raleigh, havia escrito uma matéria sobre a casa afirmando tratar-se de um dos melhores trabalhos de restauração que tinha visto na vida. Pelo menos a casa era. O restante da propriedade era outra história, e era nela que Noah passava a maior parte do dia.

A casa ocupava uma área de cinco hectares adjacentes ao riacho Brices, e nesse dia ele tinha trabalhado na cerca de madeira que cingia os outros três lados da propriedade, verificando se havia caruncho ou cupim, substituindo mourões quando era preciso. Noah ainda tinha muito trabalho pela frente, em particular no lado oeste, e um pouco mais cedo, enquanto guardava as ferramentas, ele tinha feito uma nota mental para telefonar e pedir que lhe entregassem mais madeira. Entrou em casa, bebeu um copo de chá doce e foi tomar uma chuveirada. Ele sempre tomava banho no fim do dia, e deixava a água lavar a sujeira e o cansaço.

Depois penteou os cabelos para trás, vestiu calças *jeans* desbotadas e uma camisa azul de mangas compridas, serviu-se de outro copo de chá doce e foi para a varanda, onde agora estava sentado, onde se sentava todos os dias a essa mesma hora.

Ele estendeu os braços acima da cabeça, depois para os lados, girando os ombros quando completou o exercício. Agora se sentia bem e limpo, revigorado. Seus músculos estavam cansados e sabia que no dia

seguinte teria um pouco de dor, mas estava contente por ter conseguido terminar boa parte do que queria fazer.

Noah esticou-se para pegar seu violão, lembrando-se do pai, pensando no quanto sentia sua falta. Dedilhou um acorde, ajustou a tensão em duas das cordas, depois dedilhou de novo. Agora parecia afinado, e ele começou a tocar. Uma música suave, música calma. No início cantarolou baixinho, depois começou a cantar de verdade, enquanto ao seu redor a noite ia adensando e caindo de vez. Ele tocou e cantou até o sol desaparecer e o céu ficar escuro.

Passava um pouco das 19 h quando ele desistiu, acomodou-se na cadeira e começou a balançar. Por hábito, olhou para cima e viu Órion e a Ursa Maior, Gêmeos e a Estrela Polar, tremeluzindo no céu outonal.

Começou a pensar em números e a fazer contas, depois parou. Ele sabia que já gastara quase todas as suas economias na casa, e que em breve teria de arranjar novamente um emprego, mas afastou esse pensamento e decidiu aproveitar com prazer os meses de restauração que ainda faltavam sem se preocupar com o assunto. Essa era a solução que funcionava para ele, e ele sabia, funcionava sempre. Além disso, pensar em dinheiro geralmente o deixava entediado. Desde menino ele aprendera a desfrutar de coisas simples, coisas que não podiam ser compradas, e tinha grande dificuldade de entender as pessoas que pensavam de outra maneira. Era outro traço herdado do pai.

Clem, a sua cadela de caça, aproximou-se e afagou com o focinho sua mão antes de deitar-se aos seus pés. “Oi, menina, como vai?”, ele perguntou, dando-lhe carinhosas palmadinhas na cabeça, e ela ganiu baixinho, erguendo para o dono seus olhos redondos e curiosos. Ela perdera uma das patas em um acidente de carro, mas ainda

conseguia andar muito bem e fazia companhia a Noah em noites calmas como a de hoje.

Ele estava com 31 anos agora, não era velho demais, mas velho o bastante para se sentir só. Desde que regressara, ainda não tinha saído com ninguém, não tinha encontrado ninguém que lhe interessasse, nem de leve. A culpa era somente sua, ele sabia. Havia algo que mantinha uma distância entre ele e qualquer mulher que começasse a se aproximar, algo que ele não sabia ao certo se era capaz de mudar, por mais que tentasse. E, às vezes, nos momentos que antecediam a chegada do sono, se perguntava se estaria destinado a ficar sozinho para sempre.

O crepúsculo passou e a noite continuou quente, agradável. Noah ouvia os cricrilar dos grilos e o farfalhar das folhas, pensando que o som da natureza era mais real e suscitava mais emoção do que coisas como carros e aviões. As coisas da natureza davam mais do que tiravam, e os seus sons sempre o traziam de volta para aquilo que o homem deveria ser. Durante a guerra havia ocasiões, especialmente depois de uma batalha mais feroz, em que ele muitas vezes se punha a pensar nesses sons simples. “É isso que não vai deixar você enlouquecer”, disse seu pai no dia em que embarcara. “É a música de Deus, e é isso que vai trazer você de volta para casa”.

Ele terminou seu chá, entrou, pegou um livro, saiu de novo e acendeu a luz da varanda. Depois de se sentar outra vez, olhou para o livro. Estava velho, com a capa rasgada e as páginas manchadas de lama e água. Era um exemplar de *Folhas da Relva*, de Walt Whitman, que ele carregara consigo de um lado para o outro durante toda a guerra. O livro chegou inclusive a receber uma bala por ele.

Esfregou a capa, tirando só um pouco da poeira. Depois deixou que o livro se abrisse aleatoriamente e leu as palavras à sua frente:

*Esta é a tua hora, ó Alma, do teu livre voo para
lá das palavras,*

*Para além dos livros, da arte, apagado o dia,
concluída a lição,*

*Quando tu emerges plenamente, silenciosa, olhar
fixo,*

Meditando sobre os temas que mais amas,

A noite, o sono, a morte e as estrelas.^{1}*

Noah sorriu de si para si. Por alguma razão, Whitman sempre o fazia lembrar-se de Nova Berna, e ele estava feliz por ter voltado. Embora tivesse estado longe por 14 anos, ali era o seu lar, ali ele conhecia um punhado de gente, a maioria, desde os seus tempos de juventude, o que não era surpresa nenhuma. Como em tantas outras cidadezinhas sulistas, as pessoas que ali viviam nunca mudavam, só envelheciam um pouco.

Atualmente seu melhor amigo era Gus, um negro de 70 anos que morava descendo a estrada. Os dois tinham se conhecido algumas semanas depois de Noah comprar a casa, quando Gus apareceu trazendo um pouco de licor caseiro e um ensopado Brunswick, e passaram sua primeira noite juntos embebedando-se e contando histórias.

Agora Gus aparecia duas noites por semana, normalmente por volta das 20 h. Morando com quatro filhos e 11 netos, de vez em quando ele sentia necessidade

1 ^{*} Poema "A Clear Midnight", do livro *Leaves of Grass (Folhas da Relva)*, de Walt Whitman, edição de 1900 (N. da T.).

de sair de casa, e Noah não podia culpá-lo. Normalmente Gus trazia sua gaita, e depois de conversarem um pouco os dois tocavam juntos algumas canções. Às vezes ficavam tocando por horas a fio.

No fim das contas, Noah já considerava Gus como uma pessoa da sua própria família. Na verdade não havia mais ninguém, pelo menos não desde que seu pai tinha falecido, um ano antes. Ele era filho único; a mãe havia morrido de gripe quando ele tinha dois anos, e embora em certo momento ele até tenha tido vontade, nunca se casara.

Mas ele tinha se apaixonado uma vez. Uma única vez, muito tempo atrás. E isso o mudara para sempre. O amor perfeito faz isso com a pessoa, e aquele tinha sido perfeito.

Nuvens costeiras começaram a deslizar lentamente pelo céu noturno, tornando-se prateadas com o reflexo da lua. Enquanto elas iam ficando cada vez mais espessas, Noah inclinou a cabeça para trás e encostou-a na cadeira de balanço. As pernas se mexiam automaticamente, mantendo um ritmo constante, e, como acontecia quase toda noite, ele sentiu o pensamento devanear e recuar no tempo, até uma noite igualmente quente, 14 anos antes.

Foi logo depois da formatura do ensino médio da turma de 1932, na noite de abertura do Festival do Rio Neuse. A cidade inteira tinha saído às ruas, divertindo-se com um churrasco e jogos de azar. Era uma noite úmida – por algum motivo ele se lembrava claramente disso. Noah chegou sozinho, e enquanto passeava entre a multidão procurando os amigos, viu Fin e Sarah, duas pessoas com quem tinha crescido, conversando com uma garota que ele nunca tinha visto antes. Ela era bonita, ele se lembrou de ter pensado, e quando finalmente se juntou a eles, ela olhou na direção

dele com um par de olhos enevoados que não saíram mais da sua memória. “Oi”, ela disse simplesmente, estendendo a mão, “O Finley me falou muito de você”.

Um começo comum, algo que teria sido esquecido se fosse qualquer outra pessoa que não ela. Mas quando Noah apertou aquela mão e encarou de perto aqueles extraordinários olhos de esmeralda, ele soube, antes de conseguir respirar de novo, que ela era a mulher que ele poderia passar o resto da vida procurando e nunca mais encontraria. A impressão que ele teve, enquanto uma brisa de verão soprava em meio às árvores, foi a de que ela era absolutamente boa e perfeita.

A partir daquele momento, tudo foi como um furacão. Fin disse que ela estava passando o verão em Nova Berna com a família porque o pai trabalhava para a R. J. Reynolds, e embora ele tenha se limitado a fazer apenas um meneio com a cabeça, a maneira como ela olhava para ele fazia com que seu silêncio nada tivesse de errado. Fin então riu, pois percebeu o que estava acontecendo, e Sarah sugeriu que fossem comprar Coca-Cola; os quatro ficaram até o fim da festa, quando a multidão rareou e tudo fechou.

Os dois se encontraram no dia seguinte, e também um dia depois, e não demorou muito para se tornarem inseparáveis. Todas as manhãs, exceto aos domingos, quando tinha de ir à igreja, ele acabava as suas tarefas o mais depressa possível e depois ia direto para o Parque do Forte Totten, onde ela já estava à espera. Uma vez que era recém-chegada e nunca estivera antes em uma cidade pequena, os dois passavam os dias fazendo coisas que para ela eram completamente novas. Ele a ensinou a prender a isca no anzol para pescar a perca de boca grande nos baixios, e a levou em missões de exploração aos confins da Floresta de

Croatan. Juntos andavam em canoas e contemplavam as tempestades de verão, e ele pensava que era como se os dois se conhecessem desde sempre.

Mas ele também aprendeu coisas. No baile da cidade, no celeiro de tabaco, foi ela quem ensinou-lhe a dançar a valsa e o *charleston*, e embora durante as primeiras canções os dois tivessem tropeçado, a paciência dela acabou valendo a pena, e o casal dançou até a música acabar. Depois ele a levou para a casa dela, e quando pararam na varanda após se despedirem, beijou-a pela primeira vez e ficou se perguntando por que havia esperado tanto tempo para fazer isso. Mais tarde, naquele verão, Noah levou-a para conhecer o casarão onde mora hoje; sem se importar com a decadência do lugar, ele disse que um dia compraria e consertaria aquela casa arruinada. Os dois passavam horas conversando sobre os sonhos de cada um – o dele de ver o mundo, o dela de ser uma artista – e, em uma noite úmida de agosto, os dois perderam a virgindade. Quando ela partiu, três semanas mais tarde, levou consigo um pedaço dele e o resto do verão. Através de olhos que na noite anterior sequer tinham dormido, ele a viu abandonar a cidade, durante uma manhã chuvosa, depois foi para casa e fez a mala. Passou a semana seguinte sozinho na Ilha de Harkers.

Noah passou as mãos pelos cabelos e consultou o relógio de pulso: 8h12. Levantou-se, foi até a entrada da casa e olhou a estrada. Nem sinal de Gus, e imaginou que o amigo não viria. Voltou para a cadeira de balanço e se sentou de novo. Ele se lembrava de ter falado com Gus sobre ela. Na primeira vez em que ele a mencionou, Gus começou a balançar a cabeça e rir. “Então esse é o fantasma de que você tem fugido”. Quando ele perguntou o que o amigo queria dizer com aquilo, Gus respondeu: “Você sabe, o fantasma, a memória. Eu ando de olho em você; você trabalha dia

e noite, feito um escravo, tanto que nem tem tempo para parar e respirar. As pessoas fazem isso por três motivos. Ou são loucas, ou são estúpidas, ou estão tentando esquecer. E no seu caso eu sabia que era para tentar esquecer. Só não sabia o quê”.

Pensou no que Gus havia dito. Gus tinha razão, é claro. Nova Berna agora era uma cidade assombrada. Assombrada pelo fantasma da lembrança dela. Ele a via no Parque do Forte Totten, o lugar deles, cada vez que passava por lá. Sentada no banco ou em pé no portão, sempre com um sorriso no rosto, os cabelos loiros roçando de leve os ombros, os olhos cor de esmeralda. Quando, à noite, ele se sentava na varanda com o violão, ele a via ao seu lado, ouvindo em silêncio enquanto ele tocava a música da sua infância.

Ele sentia a mesma coisa quando ia à lojinha do Gaston, ou ao Cinema Maçônico, ou mesmo quando passeava a pé pelo centro da cidade. Para qualquer lado que olhava, via a imagem dela, via coisas que a traziam de volta à vida.

Era estranho, e ele sabia. Ele tinha crescido em Nova Berna. Ali tinha passado seus primeiros 17 anos. Mas quando pensava na cidade, parecia lembrar-se apenas do último verão, do verão que os dois tinham passado juntos. Outras lembranças eram meros fragmentos, pedaços espalhados aqui e ali, e quase nenhum evocava qualquer tipo de sentimento.

Uma noite ele tinha contado a história a Gus, e Gus não apenas entendera tudo, como fora o primeiro a explicar-lhe o porquê. O amigo disse simplesmente: “O meu pai me contava que a primeira vez que a pessoa se apaixonava muda a vida dela para sempre, e por mais que você tente, o sentimento nunca desaparece. Essa garota de quem você me falou foi o seu primeiro amor. E não importa o que você faça, ela vai ficar com você para sempre”.

Noah balançou negativamente a cabeça, e quando a imagem dela começou a desvanecer, retomou a leitura de Whitman. Leu durante uma hora, tirando os olhos do livro de vez em quando para ver os guaxinins e gambás correndo perto do regato. Às 21h30, fechou o livro, subiu a escada e foi para o quarto, onde ficou escrevendo em seu diário, tanto observações pessoais quanto coisas sobre o trabalho que tinha feito na casa. Quarenta minutos depois, estava dormindo. Clem perambulou escada acima, farejou o dono adormecido, depois deu algumas voltas sobre si mesma antes de, por fim, enrodilhar-se ao pé da cama.

* * *

Mais cedo, naquela mesma noite e a 180 quilômetros dali, ela estava sentada, sozinha e com uma perna cruzada, no banco de balanço da varanda da casa de seus pais. O banco de madeira estava ligeiramente úmido quando ela se sentara; havia chovido antes, uma chuva pesada, com gotas que pareciam ferroadas, mas agora as nuvens estavam desaparecendo e o seu olhar subiu além delas, na direção das estrelas, enquanto ela se perguntava se tinha tomado a decisão certa. Ela tinha passado vários dias brigando consigo mesma – e lutara um pouco mais também naquela noite –, mas no fim sabia que nunca se perdoaria se deixasse passar a oportunidade.

Lon não sabia a verdadeira razão pela qual a noiva tinha partido. Na semana anterior ela insinuara que talvez quisesse visitar alguns antiquários perto da costa. “É só por alguns dias”, alegou, “e, além disso, preciso de uma folga dos preparativos do casamento”. Sentiu-se mal com a mentira, mas sabia que não havia como contar a verdade. A partida dela nada tinha a ver

com ele, e não seria justo de sua parte pedir ao noivo que a compreendesse.

Foi uma viagem de carro tranquila desde Raleigh, pouco mais de duas horas, e ela chegou um pouco antes das 11 h. Registrou-se em um hotelzinho do centro da cidade, foi para o quarto e desfez a mala, pendurando os vestidos no armário e guardando o resto das coisas nas gavetas. Almoçou rapidamente, pediu à garçonne informações sobre a localização dos antiquários mais próximos, depois passou algumas horas fazendo compras. Por volta das 16h30 já estava de volta ao quarto.

Sentou-se à beira da cama, pegou o telefone e ligou para Lon. Ele não podia falar muito, pois tinha hora para chegar ao tribunal, mas antes de desligar ela deu-lhe o número de telefone do hotel onde estava hospedada e prometeu ligar no dia seguinte. Que bom, pensou ela enquanto desligava. Conversa de rotina, nada fora do normal. Nada que o deixe desconfiado.

Ela já o conhecia fazia quase quatro anos; o primeiro encontro dos dois havia sido em 1942, quando o mundo estava em guerra, e um ano depois da entrada dos Estados Unidos no conflito. Todos estavam fazendo sua parte, e ela trabalhava como voluntária no hospital no centro da cidade. Lá era necessária e estimada, mas o trabalho era mais difícil do que havia esperado. As primeiras levadas de jovens soldados feridos estavam voltando para casa, e ela passava os dias com homens destruídos e corpos despedaçados. Quando Lon, com todo o seu charme afável, se apresentou a ela em uma festa de Natal, ela viu nele exatamente aquilo de que precisava: alguém com confiança no futuro e um senso de humor que afugentava todos os seus temores.

Lon era bonito, inteligente e ambicioso; advogado de sucesso e oito anos mais velho, fazia seu

trabalho com paixão, não apenas ganhando causas, mas também fazendo um nome, construindo uma reputação. Ela compreendia essa vigorosa busca do sucesso, pois o pai dela e a maioria dos homens que conhecia, em seu círculo social, eram iguais. Como eles, ele tinha sido educado daquela maneira, e no sistema de castas do Sul o nome da família e as realizações e conquistas pessoais eram invariavelmente as coisas mais importantes a ser levadas em consideração em um casamento. Em alguns casos, eram as únicas.

Embora desde a infância ela tivesse se rebelado silenciosamente contra essa ideia e saído com alguns homens cuja melhor descrição seria “inconsequentes”, ela se viu atraída pelo jeito calmo de Lon, e aos poucos acabou por amá-lo. Apesar da enorme quantidade de tempo que ele passava trabalhando, era bom para ela. Era um cavalheiro, maduro e responsável, e durante aquele terrível período da guerra, quando ela precisava de alguém para abraçá-la, ele nunca lhe deu as costas. Ela se sentia segura com ele e sabia que ele também a amava, e foi por isso que aceitou seu pedido de casamento.

Pensando nessas coisas, ela se sentia culpada de estar ali, e sabia que o que devia fazer era enfiar suas coisas na mala e ir embora antes que mudasse de ideia. Ela já tinha feito isso uma vez, muito tempo atrás, e se partisse agora, tinha certeza de que nunca mais teria forças para voltar ali de novo. Ela pegou sua bolsa e quase se encaminhou para a porta. Mas a coincidência a tinha impelido até ali. Pousou a bolsa, novamente constatando que se desistisse agora ficaria para sempre pensando no que teria acontecido. E ela achava que não suportaria viver com isso.

Entrou no banheiro e preparou a banheira. Depois de verificar a temperatura da água, foi até a

penteadeira, tirando os brincos de ouro ao atravessar o quarto. Pegou seu estojo de maquiagem, abriu, tirou uma gilete e um sabonete, depois se despiu diante da cômoda.

Desde menina, todos diziam que ela era muito bonita; assim que ficou nua, olhou-se no espelho. Seu corpo era firme e proporcional, os seios ligeiramente arredondados, a barriga reta, as pernas finas. Da mãe herdara as maçãs do rosto altas, a pele macia e os cabelos loiros, mas seu melhor traço característico era só dela: tinha “olhos como as ondas do mar”, como Lon gostava de dizer.

Munida da gilete e do sabonete, voltou para o banheiro, fechou a torneira, deixou uma toalha ao alcance da mão e entrou cuidadosamente na banheira.

Ela gostava do modo como o banho a relaxava, e deixou-se afundar um pouco mais na água. O dia fora longo e suas costas estavam tensas, mas ela se sentia contente por ter acabado as compras tão rápido. Tinha de voltar para Raleigh levando algo de tangível, e as coisas que escolhera cumpririam perfeitamente essa função. Ela fizera uma nota mental para procurar nomes de mais algumas lojas na área de Beaufort, mas depois, de súbito, duvidou de que isso seria preciso. Lon não era o tipo de homem que se disporia a averiguar seus atos.

Pegou o sabonete, fez espuma com as mãos, passou nas pernas e começou a raspá-las. Enquanto se depilava, pensou nos pais e no que pensariam a respeito do seu comportamento. Não havia dúvida de que o desaprovavam, especialmente a mãe. Sua mãe nunca tinha conseguido realmente aceitar o que acontecera no verão que a família tinha passado ali, e não seria agora que aceitaria, qualquer que fosse a razão que ela alegasse.

Ela ficou um pouco mais de molho dentro da banheira antes de finalmente se levantar e se enxugar com a toalha. Foi até o armário e procurou um vestido, escolhendo por fim um amarelo comprido, cuja frente era ligeiramente decotada, o tipo de vestido bastante comum no Sul. Experimentou-o e olhou-se no espelho, virando-se de um lado e do outro. O vestido caía-lhe bem e dava-lhe um ar bastante feminino, mas ela acabou desistindo e devolveu-o novamente ao armário.

Escolheu um vestido mais casual e menos revelador, azul-claro com um toque de renda, que se abotoava na frente até em cima; embora não tivesse ficado tão bom como o primeiro, transmitia uma imagem que ela julgou ser mais apropriada.

Usava pouca maquiagem, só um toque de sombra e rímel para acentuar os olhos. Depois, perfume, não muito. Encontrou e pôs um par de brincos pequenos, de argolas, e calçou as sandálias marrom-claras de salto baixo que estava usando antes. Escovou e prendeu os cabelos loiros, e olhou-se no espelho. Não, era demais, pensou, e soltou os cabelos. Melhor.

Quando acabou de se arrumar, deu um passo para trás e se avaliou. Estava bonita: nem muito elegante ou vistosa, nem muito informal. Ela não queria exagerar. Afinal de contas, não sabia o que esperar. Já fazia muito tempo – tempo demais, talvez – e muitas coisas diferentes podiam ter acontecido, até mesmo coisas sobre as quais não queria pensar.

Olhou para baixo e viu que suas mãos estavam trêmulas, e riu. Era estranho; normalmente não ficava assim tão nervosa. Assim como Lon, sempre fora uma pessoa confiante, mesmo quando criança. Ela se lembrava de que, às vezes, isso havia sido até um problema, especialmente quando saía com alguém, porque intimidava a maioria dos garotos da sua idade.

Pegou a bolsa e as chaves do carro, depois a chave do quarto. Remexeu a chave na mão algumas vezes, pensando: “Você chegou até aqui, não vá desistir agora”, e nesse momento quase saiu porta afora, mas, em vez disso, sentou-se na cama outra vez. Olhou para o relógio de pulso. Quase 18 h. Ela sabia que tinha de sair dali a alguns minutos – não queria chegar depois de anoitecer, mas precisava de um pouco mais de tempo.

— Droga, murmurou, — o que estou fazendo aqui? Eu não devia estar aqui. Isso não tem razão de ser, mas assim que essas palavras saíram de sua boca ela soube que não era verdade. Havia alguma coisa ali. No mínimo, pelo menos encontraria a resposta que procurava.

Abriu o caderninho e folheou-o até encontrar um recorte de jornal dobrado. Depois de retirar lentamente o papel, quase com reverência, com cuidado para não rasgá-lo, desdobrou-o e por alguns momentos ficou olhando fixamente para ele. “É este aqui o motivo”, ela disse por fim, para si mesma. “É disto aqui que se trata”.

* * *

Noah levantou-se às 5 h e foi andar de caiaque durante uma hora riacho Brices acima, como sempre fazia. Quando acabou, vestiu suas roupas de trabalho, esquentou alguns biscoitos do dia anterior, agarrou duas maçãs e engoliu o café da manhã com duas canecas de café.

Trabalhou novamente na cerca, consertando a maioria dos mourões que precisavam de reparos. Eram os últimos dias quentes do outono, com a temperatura acima dos 27°C, e na hora do almoço Noah estava com calor, cansado e feliz por fazer um intervalo.